



O preço infinito da nossa redenção e o mistério comovente da Cruz

Há palavras que, por as termos repetido tantas vezes, correm o risco de já não nos abalar.

“Padeceu sob Pôncio Pilatos; foi crucificado, morreu e foi sepultado.”

Nós as pronunciamos em cada Credo. Nós as ouvimos desde a infância. Nós as sabemos de cor.

Mas se realmente compreendêssemos o que contêm... cairíamos de joelhos.

Porque aqui não estamos simplesmente diante de uma fórmula doutrinal: estamos diante do próprio centro da história humana. Aqui se concentram o drama do pecado, a justiça divina, o amor infinito de Deus, a derrota de Satanás e a redenção do homem.

O quarto artigo do Credo não é um detalhe secundário da nossa fé. É o coração sangrante do cristianismo.

Sem a Paixão, não há redenção.

Sem a Cruz, não há salvação.

Sem o Sangue do Cordeiro, não há esperança.

I. “Padeceu”: uma pequena palavra para um oceano de dor

O catecismo ensina que a palavra “padeceu” expressa todas as dores que Jesus Cristo sofreu na sua Paixão.

E aqui é preciso parar profundamente.

Não diz simplesmente que “morreu”. Diz primeiro que “padeceu”.

Porque Cristo não veio apenas para morrer, mas para sofrer voluntariamente por amor.

De Getsêmani até ao Calvário, Nosso Senhor abraçou uma cadeia de dores físicas, morais, espirituais e místicas impossível de medir plenamente:



1. Sofrimento físico

- A agonia no Horto, até suar sangue.
- A brutal flagelação na coluna.
- A coroação de espinhos.
- Os golpes, bofetadas e cusparadas.
- O peso da Cruz.
- A crucificação com pregos.
- O sufocamento progressivo.
- A lança final.

2. Sofrimento moral

- A traição de Judas.
- O abandono de muitos discípulos.
- A negação de Pedro.
- As zombarias da multidão.
- A covardia de Pilatos.
- A humilhação pública.

3. Sofrimento espiritual

Cristo, carregando misteriosamente os pecados do mundo, quis experimentar o peso da separação causada pelo pecado:

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

Não porque o Pai realmente tivesse abandonado o Filho na sua divindade, mas porque Cristo quis beber até ao fim o cálice do sofrimento humano.

II. Deus morreu?

Aqui entramos num dos mistérios mais sublimes da teologia católica.

Jesus Cristo morreu enquanto homem, não enquanto Deus.

A natureza divina é impassível e imortal. Deus não pode deixar de ser.

Mas Jesus Cristo é uma única Pessoa divina com duas naturezas:



- verdadeiro Deus
- verdadeiro homem

O seu corpo morreu realmente. A sua alma humana separou-se do corpo. Mas a sua divindade permaneceu unida a ambos.

Este ponto é fundamental.

Não morreu simplesmente um homem bom.

Não morreu um profeta.

Não morreu um mártir qualquer.

O Verbo encarnado morreu na sua natureza humana.

Por isso cada gota de Sangue tem valor infinito.

III. Pôncio Pilatos: o símbolo eterno do respeito humano e da cobardia política

O Credo menciona Pôncio Pilatos pelo nome. Não é por acaso.

Pilatos representa todos aqueles que reconhecem a verdade, mas se submetem à pressão do mundo.

Ele sabia que Cristo era inocente. Declarou-o publicamente. Quis lavar as mãos.

Mas cedeu.

Aqui há uma lição extremamente atual.

Quantos hoje sabem o que é verdade, mas silenciam por medo?

Quantos preferem agradar à multidão em vez de defender Cristo?

Quantos, para conservar poder, prestígio ou aceitação social, o condenam novamente?

Pilatos não foi apenas uma figura histórica.

Pilatos revive sempre que a verdade é sacrificada pela conveniência.



IV. A Cruz: o suplício mais cruel e mais glorioso

A crucificação romana era a pena mais brutal e humilhante.

Não visava apenas matar, mas degradar.

Era uma morte:

- pública
- lenta
- dolorosa
- vergonhosa

E foi precisamente essa que Cristo escolheu.

Por quê?

Porque quis descer ao mais profundo da nossa miséria para redimi-la totalmente.

A Cruz, instrumento de tortura, tornou-se um trono.

A vergonha tornou-se glória.

A derrota aparente tornou-se vitória eterna.

Por isso o católico não vê a Cruz como um simples símbolo decorativo. Vê-a como o altar onde o seu resgate foi pago.

V. Jesus poderia ter-se libertado?

Sim. Absolutamente.

Com uma única palavra Ele poderia ter derrubado os seus inimigos.

Já o mostrou em Getsêmani quando disse: “Sou Eu”, e eles caíram por terra.

Cristo não era uma vítima impotente. Era Sacerdote e Vítima voluntária.

Ninguém Lhe tirou a vida. Ele deu-a.

Aqui resplandece o verdadeiro amor:

Não amar quando não há outra opção...



mas escolher o sacrifício mesmo podendo evitá-lo.

VI. Por que era necessário ser Deus e homem ao mesmo tempo?

Esta questão toca o centro da redenção.

O pecado ofende Deus, cuja majestade é infinita.
Portanto, a reparação devia ter valor infinito.

Mas o homem tinha pecado, logo o homem devia pagar.

O problema:
O homem finito não pode oferecer satisfação infinita.

A solução divina:
O Filho de Deus faz-se homem.

Como homem pode sofrer.
Como Deus, o seu sofrimento tem valor infinito.

Só Jesus Cristo podia construir a ponte.

Nenhum anjo seria suficiente.
Nem toda a humanidade junta.
Nem séculos de penitência.

Só o Deus-homem.

VII. Era necessário tanto sofrimento?

Teologicamente, não.

O menor ato de Cristo tinha valor infinito.

Uma única lágrima teria bastado.

Então por que tanto sofrimento?



Porque Ele quis:

1. Mostrar a gravidade terrível do pecado

Se o pecado fosse algo pequeno, teria sido necessário tal preço?

2. Manifestar o amor sem medida de Deus

A Cruz responde para sempre a quem duvida do amor divino.

3. Mover os nossos corações à conversão

Cada ferida grita:

“Assim Eu te amo.”

“Assim é grave o pecado.”

“Não Me crucifiquem novamente.”

VIII. As sete palavras da Cruz: testamento eterno

Da madeira da Cruz, Cristo:

- perdoa os seus algozes,
- promete o Paraíso ao bom ladrão,
- entrega-nos Maria como Mãe,
- manifesta a sua sede,
- declara a consumação,
- entrega o seu espírito.

No Calvário nasce também a nossa maternidade espiritual:

“Eis a tua Mãe.”

Maria não é um acessório sentimental. É o dom de Cristo crucificado.

IX. Os prodígios da sua morte: a criação estremece

Quando Cristo morre:

- o sol escurece,
- a terra treme,



- o véu do Templo rasga-se,
- os sepulcros abrem-se.

A natureza reage porque o seu Criador está a ser imolado.

O véu rasgado anuncia algo imenso:
O acesso a Deus é aberto pelo Sangue do Cordeiro.

X. Foi sepultado: a realidade total da sua morte

Cristo foi verdadeiramente sepultado.

Não apenas pareceu morrer.
Não desmaiou simplesmente.
Não era um símbolo.

Ele morreu realmente.

O sepulcro novo confirma a realidade histórica da sua morte... e prepara a glória incomparável da Ressurreição.

XI. Morreu por todos... mas nem todos se salvam

Aqui a teologia católica é clara:

Cristo morreu por todos sem exceção.
O seu sacrifício é suficiente para todos.
Mas nem todos recebem os seus frutos.

A salvação não é imposta.

Muitos rejeitam:

- a fé
- a conversão
- os sacramentos
- a obediência

A Cruz abre a porta.



Mas cada alma deve entrar.

XII. Os sacramentos: aplicação viva da Paixão

A Igreja ensina algo essencial: não basta saber que Cristo morreu.

Os méritos da sua Paixão devem ser aplicados pessoalmente.

Como?

Principalmente através dos sacramentos:

- Batismo
- Confissão
- Eucaristia
- etc.

Os sacramentos não são rituais vazios; são canais do Sangue de Cristo.

Desprezá-los é rejeitar o remédio.

XIII. A grande tragédia moderna: querer Cristo sem a Cruz

Hoje muitos querem um Jesus inspirador, mas não crucificado.

Um Jesus terapeuta, mas não Redentor.

Um Jesus tolerante, mas não Salvador.

Mas o Credo não diz:

“Foi admirado, aplaudido e compreendido.”

Diz:

“Padeceu... foi crucificado...”

O cristianismo sem Cruz não salva.

A fé sem sacrifício esvazia-se.

A religião sem expiação torna-se sentimentalismo.



XIV. O que este artigo nos pede?

1. Horror ao pecado

Todo pecado mortal grita: “Crucifica-O.”

2. Gratidão infinita

Não fomos comprados com ouro, mas com Sangue.

3. União com os nossos sofrimentos

Quando sofremos unidos a Cristo, a Cruz torna-se caminho de santificação.

4. Fidelidade

Não basta emocionar-se diante do Crucificado. É preciso segui-Lo.

Conclusão: olhar para a Cruz até compreender quem somos

O quarto artigo do Credo ensina-nos duas verdades inseparáveis:

O horror do pecado

e

A imensidão do amor divino

Olha para a Cruz e compreenderás quanto custa o pecado.

Olha para a Cruz e compreenderás quanto vales para Deus.

Não és um acaso.

Não és uma estatística.

Não és um resíduo.

És uma alma pela qual Cristo aceitou:

- a flagelação,
- os espinhos,



Do quarto artigo do Credo: “Padeceu sob Pôncio Pilatos; foi crucificado, morreu e foi sepultado” | 10

- os pregos,
- a sede,
- a lança,
- o sepulcro.

Toda a Sexta-feira Santa o universo inteiro parece sussurrar:

“Não foi o ferro que manteve Cristo na Cruz... foi o amor.”

E agora a grande pergunta não é apenas:

“O que sofreu Cristo?”

Mas:

“O que farei eu com este sacrifício?”

Porque diante da Cruz ninguém permanece neutro.

Ou a abraças...

ou a desprezas.

E dessa resposta depende a eternidade.